

ISABELA SIEGEL CORRÊA

REICH, LOWEN, JUNG E O TRANSCENDENTE

Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicologia
Corporal, ministrado pelo Centro
Reichiano

Orientadora: Prof.^a Sandra Volpi

CURITIBA
2009

Corrêa, Isabela Siegel
Reich, Lowen, Jung e o transcendente / Isabela
Siegel Corrêa – Curitiba, 2009.

Orientadora: Sandra Mara Dall'igna Volpi

Monografia do Curso de Especialização em
Psicologia Corporal, Centro Reichiano de
Psicoterapia Corporal.

1. Jung. 2. Lowen. 3. Reich. 4. Transcendente.

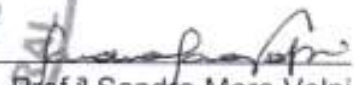


ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL
TERMO DE APROVAÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, Prof.^a **SANDRA MARA VOLPI**,
no uso de minhas atribuições legais no Curso de Especialização
em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano, na
cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO** o trabalho
monográfico de conclusão de curso da aluna **ISABELA SIEGEL
CORRÊA**.

Curitiba, 31 de março de 2009.




Prof.^a Sandra Mara Volpi
CRP-08/5348
Orientadora

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jardim Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
Fone/Fax (41) 3263-4895 – Site: www.centroreichiano.com.br / E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br

**BIBLIOTECA DO
CENTRO REICHIANO**
www.centroreichiano.com.br

Dedico este trabalho à minha família e amigos, e principalmente à Sandra e Henrique Volpi por acreditarem neste trabalho e neste ideal.

RESUMO

Esta monografia buscou investigar de que forma Reich e Lowen, os principais autores da Psicologia Corporal abordaram o tema da espiritualidade e da busca do transcendente na sua obra. O principal objetivo desta pesquisa foi fazer um levantamento sobre o que já havia sido falado sobre a espiritualidade dentro da Psicologia Corporal, na visão desses autores, assim como fazer um contraponto destas visões sobre a espiritualidade em relação à posição de Jung. Este autor foi escolhido porque ele se debruçou e escreveu extensivamente sobre esse tema e se tornou uma referência dentro desta área. Por fim, buscou relacionar as diferentes posturas estudadas, discutindo de que forma esse tema pode contribuir para um maior entendimento do ser humano e da sua forma de se relacionar com o transcendente. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Reich. Lowen. Jung. Transcendente.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. REICH, LOWEN E JUNG E A ESPIRITUALIDADE	10
2.1. REICH	10
2.1.1. Reich: o homem	10
2.1.2. Reich: o cientista	13
2.2 LOWEN	22
2.3 JUNG	37
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

Século XXI. Globalização, competitividade, valorização crescente do "ter" e "parecer" em detrimento do ser, o culto ao corpo perfeito, a banalização do sexo, a possibilidade de catástrofe coletiva, tsunamis, aquecimento global, guerras, miséria, corrupção, interesses políticos. O mundo em que vivemos com certeza não é mais o mundo em que Reich viveu.

Nos tempos atuais, a crescente globalização com todas as suas conseqüências estão construindo um contexto mundial bem diferente ao da época de Reich: se naquela época o que se observava era um excesso de moralismo, como Reich sempre criticou, hoje temos valores tão superficiais que as pessoas já não têm mais muita noção do que é importante para serem felizes e do que não é. Hoje é comum vermos pessoas valorizando mais sua aparência física do que a sua saúde, dando mais valor à suas exigências sexuais (procurando relações extraconjugais) do que à sua família, e recebendo apoio e inspiração da sociedade e da cultura para isso. As empresas, reflexo da nossa cultura do banal e do descartável, devastam florestas inteiras, poluem irreversivelmente nossas águas, nossas terras, nosso ar e extinguem um animal por dia, em nome do dinheiro e do consumismo. Se naquela época faltava liberdade sexual, hoje há uma permissividade impressionante, que não está levando a um lugar onde as pessoas se sintam melhores, se conheçam mais ou criem relacionamentos mais equilibrados e profundos, como Reich acreditava que poderia acontecer caso houvesse mais liberdade sexual para acabarmos com nossa "miséria genital". Será que as pessoas estão mais satisfeitas sexualmente? Talvez, pois o fato de termos menos moralismo e mais informação, leva as pessoas a perderem o pudor e experimentarem mais o prazer, se permitindo mais. Entretanto, há uma diferença entre satisfação sexual e permissividade. Estar sexualmente satisfeito significa que na ação sexual o casal está conectado ao sentimento de amor, tanto em relação a si mesmo (autoestima), quanto em relação ao outro. Ambos podem confiar o suficiente para se entregar. Uma sexualidade permissiva, muitas vezes é vivida apenas como uma função, desconectada do sentimento de amor, visando mais a uma descarga do que a uma satisfação de fato. Assim, infelizmente temos cada vez mais históricas, mais obsessivos,

mais stress, mais suicídio, mais drogaditos, mais pessoas sedadas pelo excesso de remédios, mais depressão.

Nesse vazio existencial todo, vazio de relações, de valores, de objetivos, observamos um campo crescendo muito na nossa cultura: o campo da fé, do espiritual, da busca pelo transcendente. Há diversas leituras para este fato, mas indubitavelmente o próprio vazio que as pessoas sentem é a principal mola que está impulsionando as pessoas a buscarem algo diferente do que a sociedade capitalista, o consumismo e a globalização ofertam: elas buscam algo que preencha este vazio. Muitas pessoas já perceberam que possuir coisas não traz felicidade, ser muito bonito(a) também não, muitas sentem que o trabalho preenche suas aspirações até certo ponto, e o amor nem sempre é como nos filmes e contos de fadas. Assim, essas pessoas buscam esse preenchimento no campo espiritual. E de uns tempos pra cá, por causa da crescente globalização, temos muitas opções: a um clique na internet temos acesso a ensinamentos católicos, umbandistas, gnósticos, xamânicos, e há grupos de várias abordagens religiosas em qualquer capital. O termo espiritualidade quando citado aqui nesta monografia se refere à busca do ser humano por uma ligação com a divindade, uma busca por um sentido, um pensamento, um sentimento ou uma ação transcendente, seja essa busca institucionalizada por alguma religião ou não. Difere do termo religiosidade, pois este termo, para muitas pessoas, designa um relacionamento espiritual institucionalizado por uma religião reconhecida.

A ciência passou a se ocupar cada vez mais do estudo de diversas práticas "espirituais", e os cientistas passaram cada vez mais a falarem do transcendente, sendo hoje a física quântica, a neurologia, e a própria medicina as ciências que mais estão estudando os efeitos da espiritualidade e das práticas espirituais no corpo, na mente e no comportamento dos indivíduos. Estão sendo promovidas inúmeras pesquisas sobre os efeitos da fé, da oração, da meditação, no corpo, na mente, nas relações e na sociedade.

Como a psicologia se propõe a ser a ciência que estuda o homem em todas as suas dimensões, ela deve se ocupar também de discutir, estudar, e se situar frente a este campo existencial humano. Cada abordagem da psicologia busca dar uma resposta às questões humanas, seja através de uma teoria do desenvolvimento, uma proposta de tratamento para os transtornos psicológicos ou uma leitura própria de como vê a questão da espiritualidade. Freud, pai da

psicanálise, tinha uma postura bem definida em relação a essa questão, interpretando a busca por Deus como a busca por um pai, uma compensação à falta do pai, uma ilusão e escapismo da verdade nua e crua da inexistência de algo além (FREUD, 1930).

Jung, criador da psicologia analítica, se posicionou frente a esse tema de forma diferente, propondo inclusive uma função religiosa no inconsciente (JUNG, 1983, p.2). Com isso colocou a espiritualidade como uma semente existente dentro do homem, que uma hora pede uma resposta a essa questão. Groff, um dos fundadores e principal teórico da abordagem transpessoal, tem pesquisado bastante sobre esta dimensão humana, e afirma que suas pesquisas e observações “[...] trazem evidências empíricas que a espiritualidade é um atributo crítico e legítimo da psique humana e do desenho universal das coisas” (GROFF, 2000, p. 12). Ele inclusive inclui na sua proposta terapêutica técnicas de alteração da consciência e o conceito de “emergências espirituais” para renomear, conforme o seu entendimento, as crises de transformação. Já quanto a Reich e Lowen, poucos sabem quais são seus posicionamentos em relação à espiritualidade, como eles entendem esse fenômeno humano. Isso se dá por diversos motivos: pouca produção por parte deles sobre este tema, pouco interesse dos seus estudiosos em rever sua bibliografia e discutir esse assunto, dificuldade em ter acesso aos livros destes autores sobre este tema, etc. Poucos conhecem o livro de Lowen intitulado “A Espiritualidade do Corpo” (1990), e poucos sabem que Reich (19--), ao fim de sua vida, associava Deus à energia orgônica. Isso será abordado novamente nos seus respectivos capítulos.

Esta monografia visa investigar de que forma estes autores da psicologia corporal abordam este campo da experiência humana, que é a busca de um sentido transcendental para a vida, para a existência. O objetivo geral desta monografia é de fazer um levantamento de até onde já foi falado sobre a espiritualidade dentro da psicologia corporal, na visão dos dois maiores estudiosos da psicologia corporal: Reich (1978; 1996; 1999; 19--) e Lowen (1990; 1982; 2004; 1983; 1983), assim como fazer um contraponto destas visões sobre a espiritualidade em relação à posição de Jung (1978; 1991; 1999; 2000). Este autor foi escolhido porque ele se debruçou, pensou e pesquisou bastante sobre esse tema e se tornou uma referência dentro desta área.

Por fim, visa também fazer reflexões e discutir de que forma isso tudo pode contribuir para o campo da psicologia, o atendimento a pacientes e o entendimento desta dimensão humana, assim como refletir na escolha de postura do próprio psicoterapeuta a respeito destes temas.

2. REICH, LOWEN E JUNG E A ESPIRITUALIDADE

2.1 REICH

2.1.1 Reich: o homem:

Não encarar a questão crucial do vazio emocional dos homens equivale a abandonar qualquer esperança de melhorar a sorte da humanidade.
(REICH, 1999, p. 66).

Muitas vezes, quando se busca conhecer a posição do autor de uma teoria a respeito de determinado tema, exclui-se todo e qualquer dado a respeito de sua vida pessoal para manter o foco exclusivamente no seu posicionamento teórico a respeito do tema. Porém, em se tratando de um tema tão ligado à experiência de vida de cada um, tal qual a espiritualidade, pensou-se que incluir o lado pessoal dos autores estudados enriqueceria muito mais esta pesquisa. Nessa monografia buscou-se na literatura existente o posicionamento teórico de Reich a respeito do tema da espiritualidade humana, e também o pessoal, entendendo que as nossas noções e valores espirituais nascem não só do contexto cultural e histórico em que vivemos, mas principalmente a partir da história de vida de cada um, de suas origens, família, ritos e tradições.

Assim sendo, a princípio foi feita uma revisão da história de Reich em busca de dados que possam auxiliar a reconhecer qual foi a sua postura em relação à espiritualidade, religião, crenças, etc. Para tanto, utilizou-se a sua autobiografia intitulada: "Paixão de juventude" (1996), e também a biografia escrita por sua terceira esposa, Ilse Ollendorff de Reich, intitulada "Wilhelm Reich – uma biografia pessoal" (1978). Em sua autobiografia ele relata os fatos mais significativos de sua história de vida, desde suas primeiras lembranças nos seus primeiros anos de vida até os 25 anos de idade.

Nascido em 1897, em Dobrzycynica (parte da Galícia que pertencia ao império austríaco), Reich é filho de pai judeu, e o primogênito. A respeito de seu pai, REICH (1996, p. 12) afirma que ele "[...] aderiu à lei judaica, mas apenas para evitar os falatórios." Ele relata na sua autobiografia que seu pai freqüentava um templo, mas não seguia as determinações da religião judaica,

e conta inclusive a história do dia em que chamou o pai para uma refeição, na frente de todos os judeus ortodoxos, em pleno Dia do Perdão, dia em que os judeus jejuam. Na sua família paterna, de acordo com REICH, (1978, p. 25), havia entre seus membros um "famoso sábio rabi", mas mesmo assim seu pai não era um judeu fiel e não deu educação religiosa a seus filhos.

Ele relata que aos 16 anos já freqüentava o teatro com freqüência e lia bastante: Ewers, Wilde, Sudermann, Spielhagen, Hauff foram os escritores que lia na época. Nessa época, começou a "devorar as lendas de Cristo e a rezar de novo, apesar de ter sido ateu confesso por oito anos." (REICH, 1996, p. 53). Nesse ponto não se detém muito, logo recomeçando a falar de suas mágoas em relação ao seu pai. Considerando-se que seu pai tinha uma religiosidade "de aparências" pode-se pensar que o exemplo que teve em casa em relação à espiritualidade era uma espiritualidade superficial, uma educação judaica contraditória, onde o que se diz é oposto ao que se faz na prática. Interessante que Reich afirma ter sido ateu "confesso" por oito anos. Se aos dezesseis anos ele volta a rezar, isso significa que desde os oito anos de idade ele era ateu, o que parece ser um reflexo da conduta dos seus pais. Sobre as crenças ou espiritualidade de sua mãe, Reich não comenta durante todo o seu livro.

Enfim, ele lê sobre Jesus Cristo e volta a rezar, onde se pode entender que de alguma forma a história e/ou os ensinamentos de Cristo o tocaram. Mais tarde, em seu livro "O assassinato de Cristo" (1999) pode-se observar que de fato ele estudou e se interessou bastante por esse tema. Isso será abordado mais adiante.

Entre seus 21 e seus 25 anos Reich estudou medicina na Universidade de Viena, onde ele relata: "Éramos todos muito inteligentes e bem-educados, e até nos envolvemos um pouco com espiritualismo por diversão". (REICH, 1996, p. 79). Ele relata sobre um dia em que foi convidado para um chá na casa de uma estudante, onde os jovens conversaram, beberam refrescos, dançaram, e, "depois de cultivarmos, sem sucesso, um pouco de espiritualismo, todos nós partimos." (REICH, 1996, p. 83). Pela pouca importância e também pelo termo utilizado por ele: "[...] por diversão", fica claro que esse espiritualismo de Reich era mais um ato social e uma brincadeira.

Aos 22 anos ele relata ter entrado em contato com um ponto de vista diferente dos "[...] velhos chavões utilizados pelos judeus [...]" na convenção dos universitários judeus graduados em Viena:

Não eram as mesmas familiares lamentações, nem as invectivas contra tudo que não era judeu, mas uma nova tendência, nascida de idéias estritamente socialistas... não havia ódio contra tudo que não é judeu, mas uma significativa receptividade aos outros:[...] e finalmente eu escutava um homem que é ao mesmo tempo judeu e um ser humano, não um chauvinista! Veremos que tipo de frutos seus esforços produzirão. (REICH, 1996, p. 81)

A sua opinião e declarada aversão à maioria dos "judeus chauvinistas" aqui serve para deixar bem claro a sua pouca conexão com a tradição judaica, caso não tivesse ficado explícito que desde a infância esse sentimento de pertencer ao judaísmo já se encontrava ausente.

Sua ex-esposa relata que em 1949, com 52 anos, a "velha fascinação de Reich pela história de Cristo recebeu um novo ímpeto nesse tempo, e ele lia qualquer livro que podia encontrar sobre este tema. Estava criando as bases para o seu livro "O assassinato de Cristo"(REICH, 1978, p. 128).

Nessa mesma época, Ilse relata uma conversa de Peter (filho dela e de Reich) com seu pai, quando Peter lhe perguntou se Deus era uma pessoa real. Reich lhe respondeu que não, "[...] que Deus estava em todo ao redor de nós e em nós, em tudo que é bom e vivo, como a energia orgone que ele (Peter) conhecia." (REICH, 1978, p. 134). Ilse relata que nessa época Reich estava muito preocupado com a história de Cristo e muitas vezes falava sobre ele no grupo familiar. Assim, Peter indagou se Jesus era uma pessoa real, e Reich respondeu que sim, "um bom mestre e um homem maravilhoso" (REICH, 1978, p. 134).

Com 60 anos, já na prisão, Reich escreveu para seu filho sobre a confiança em Deus, "segundo temos entendido a existência e o reinado universal da Vida e do Amor". (REICH, 1978, p. 193). Escreveu que assistiu na prisão alguns serviços protestantes, e: "[...] estava profundamente comovido: sentia uma nova, universal fé na vida e no Amor [...]", que compreendia todas as crenças monoteístas, etc. Ilse relata que muitas das suas cartas depois desta última mencionada mostravam uma forma de fervor religioso, o que era difícil de compreender, dado que Reich sempre lutou abertamente contra toda forma de religião organizada. Nesse tempo de "fervor" ele falava sobre a necessidade de se criarem "abrigos para a vida", "igrejas para a vida", compunha e enviava a Ilse e Peter orações que ele escrevera, etc.

Estes são os dados do "Reich homem" que foram coletados em suas biografias. Estes são úteis na medida em que dão a oportunidade de entender

melhor quem foi Reich, que tipo de educação ou experiência religiosa ele teve, que história há por trás de suas convicções. Pode-se enxergar sua trajetória como um menino de origem judia, mas verdadeiramente ateu, que retoma o contato com a espiritualidade sem influência da família, aos 16 anos, no contato com a história e os ensinamento de Jesus Cristo. Já adolescente, Reich experimenta socialmente e "por brincadeira" o espiritualismo na época de faculdade. Sabe-se que mais tarde, quando já era psicanalista, ele era contra as formas institucionalizadas de religião, por serem veículos de alienação do homem. Mais tarde foi retomando seu interesse por Cristo, não só por um interesse espiritual e por considerá-lo um mestre, mas também por identificar-se com ele. Por fim, já no fim dos seus dias, ele parece entrar em outra linha de pensamento a respeito da espiritualidade, quando escreve as orações e cartas sobre a necessidade de formação de "Igrejas para a Vida", naquela espécie de fervor religioso que parece ter experimentado na cadeia.

Sobre isso, pode-se comentar que os estudos sobre a espiritualidade em momentos de crise (PARK, COHEN E HERB, 1990), indicam ser este comportamento de intensificar o apego à fé/religião/Deus completamente comum e natural do ser humano nos tempos de crise, e inclusive uma forma extremamente adaptativa de se adequar às circunstâncias da vida. É muito comum que em tempos difíceis as pessoas recorram à religião, principalmente quando se trata de experiências extremas, pois a religiosidade pode moderar os efeitos de grandes crises pessoais. Esta é uma hipótese, levantada nessa monografia, do que aconteceu com Reich quando estava na prisão, sendo que nesse momento ele pouco tinha onde se apoiar.

2.1.2 Reich: o cientista

Já o "Reich teórico", na maior parte de suas obras, não inclui a sua forma de entender a espiritualidade. Principalmente na sua fase "orgonômica" parece que Reich começou a refletir e falar mais a respeito. Destacam-se dois livros nos quais ele menciona com mais clareza o seu posicionamento em relação à religiosidade/espiritualidade: "O assassinato de Cristo" (1999) e "Deus, éter e o diabo" (19--), livros que se tornaram a maior fonte de informações relacionadas à Reich desta monografia.

Ilse Reich, (1978, p. 150) fala que a tese do livro "O assassinato de Cristo" (1999) é em poucas palavras, esta:

Cristo representa a vida por si. O homem encoraçado não pode tolerar nenhuma manifestação de vida ou de vivacidade, e, portanto tem que matá-la onde quer que a encontre. ...o assassinato de Cristo sempre volta a se fazer de novo, uma e outra vez em todas as esferas da vida humana: na vida familiar, política, na educação, na ciência, em nome da religião organizada e em nome da caridade e do amor. Reich trata de definir o significado original do pecado, e o vê como uma enfermidade universal nas relações da praga emocional da humanidade encoraçada. É um livro intensamente pessoal.

Um dos motivos pelos quais Ilse Reich (1978) afirma ser este um livro "intensamente pessoal", certamente é porque ela entende que Wilhelm Reich se identificava cada vez mais com Cristo durante a sua trajetória. O assassinato de Cristo é um exemplo histórico do método utilizado pela praga emocional do homem para matar a Vida e a Verdade. Reich, a todo tempo se colocava como um defensor da Verdade e da Vida, buscando levar suas descobertas adiante em benefício de toda a humanidade. Com a perseguição que sofreu durante tantos anos declaradamente se identificava com o Cristo.

Em "O assassinato de Cristo", REICH (1999) faz uma análise sociológica e psicológica do ser humano que matou o Cristo, do homem que foge de si mesmo, que busca criar imagens místicas para não ter que enfrentar a realidade. Neste livro ele enumera oito itens sobre sua visão da humanidade em relação à divindade (1999, p. 60):

A humanidade

1. Não distingue a natureza humana primária da secundária e não as dissocia.
2. Não compreende o Mal diabólico ("Peste emocional" – "Pecado") como a primeira consequência da frustração do BEM-DEUS-VIDA-AMOR (*inclusive* o abraço genital)
3. Não sabe conseqüentemente, como o mal *pode* vir ao mundo se seu criador é bom.
4. Não é capaz de libertar-se sozinha do Diabo e da dicotomia mecânico-mística.
5. Não sabe chegar a leis (não as leis morais, mas leis) que protejam o amor primário, divino, corporal, contra a peste emocional chamada "pecado".
6. Não chega a Deus, ao Bem, ao Amor fraternal, abrindo os portões da prisão em que os fundamentos biológicos do homem se acham aprisionados.
7. Não é capaz de parar de proteger o Mal, a peste emocional.
8. Não é capaz de tornar acessível seu próprio âmago para colocar fora do circuito a peste emocional ("pecado") do nível intermediário, de modo que: Bem-Deus-Amor-Âmago leve a uma moralidade natural.

Neste livro, ele propõe que Deus é a "Força Vital Cósmica" (1999, p. 59), Cristo "representa o Amor Divino no corpo" (1999, p. 60), e que a mistificação do Cristo vedou a nós mesmos a possibilidade de compreendê-lo (1999, p. 62). De acordo com John Pierrakos, a espiritualidade na época de Reich na Áustria e Alemanha:

Estava representada por um espiritismo de baixo nível, considerado apenas um pouco acima da superstição. Diante da condenação do trabalho de Mesmer e seguidores,[...] Reich não enxergou o outro lado da verdadeira espiritualidade, ao qual Jung dedicou toda a sua vida. A impressão é que Reich deve ter tido um problema sério nessa esfera, que ele nunca elaborou. Chamou-o misticismo e explicou-o como cisão na unidade da estrutura. Incorreu no erro comum de rejeitar toda espiritualidade em virtude dos excessos e do charlatanismo, aos quais, com demasiada freqüência, termina se prestando. (PIERRAKOS, *apud* MANN, 1989, p. 17).

Essa observação de Pierrakos a respeito do [...] "espiritismo de baixo nível" naquela época, ou essa idéia de não se tratar de uma espiritualidade séria também aparece na biografia de Reich, quando ele se refere a se envolver com "[...] espiritualismo por diversão." (REICH, 1996, p. 79). Essa citação de Pierrakos (1989), de que Reich "Chamou-o misticismo e [...] "rejeitou [...] toda espiritualidade em virtude dos excessos [...]" traz a percepção de uma tendência de Reich a generalizar quando de trata deste tema. Essa generalização também é perceptível na citação anterior, sobre a humanidade, que "Não é capaz [...]", que "Não compreende [...]", que "Não sabe [...]", etc. Quando ele coloca a sua posição desta forma, tem-se a impressão de que Reich nunca entrou em contatos com grupos, religiões, ou simplesmente idéias ligadas a espiritualidade sérias e coerentes.

Pierrakos (MANN, 1989, p. 17) menciona que Reich:

Não diferenciava espiritualidade de misticismo distorcido; este sim constitui uma função escapista e desagregada do homem. Em vários de seus últimos livros, idealizava sua autoimagem, e apresentava-se como salvador do mundo, como um grande Messias dos tempos modernos, sua verdade era a única. A energia orgônica tornou-se sinônimo de Deus, força suprema que explicava todos os fenômenos da vida. Tais conceitos promoveram, inadvertidamente, a atitude cultuadora de alguns de seus seguidores.

Parece que Reich tinha uma visão pessimista a respeito da forma que o ser humano se relaciona com a espiritualidade, sempre não entendendo, sempre incapaz, sempre evitando a verdade. Em geral é compreensível a sua posição, pois o que observamos na grande massa é ignorância. Mas por outro lado, a observação de Pierrakos traz algumas reflexões: não teria ele deixado

de fora a verdadeira espiritualidade, ou melhor, não teria ele deixado de fora outras formas de vivenciar a espiritualidade? Qual é a posição de Reich em relação à espiritualidade fora do circuito "neurótico" que ele descreveu?

Reich criou a sua própria interpretação do que foi a vida e a morte de Cristo:

Após a desencarnação e a espiritualização completa de Cristo, o puro amor físico que ele vivera perdeu-se para sempre. Se a Igreja Católica quisesse admitir de novo o *puro amor físico* de Cristo, distinguindo-o do perverso "pecado da carne", ela suprimiria de um só golpe a maioria das contradições de seus aspectos cósmicos. Muitos artificios impossíveis para rejeitar o puro amor físico, tais como "o nascimento virgem", "a condenação do amor físico", etc., perderiam sua razão de ser. (REICH, 1999, p. 73-74)

Interessante notar que Reich (1999), com estas contestações se mostra inconformado com a forma que a Igreja Católica conta sua história. Por exemplo, a história do "nascimento virgem" para Jung (1978) em contraponto, é considerada como uma idéia, um arquétipo que não precisa estar relacionado com a realidade histórica. Ele o considera como algo que se situa além dos fatos, mas que se relaciona com a realidade da alma da pessoa.

Reich (1999) entende que esses "artificios impossíveis" acabam por impedir que o ser humano possa atingir sua plenitude, conforme afirma:

O enorme abismo entre o aspecto cósmico do Cristianismo e a exclusão da única via de que o homem dispõe para chegar a suas origens cósmicas é uma discórdia gritante e uma contradição perigosa. Pedir aos herdeiros de Cristo que reabram o caminho do céu é pedir-lhes demais? (REICH, 1999, p. 73-74).

Ele propõe que a história de Cristo precisou ser mistificada para desviar a atenção das implicações biofísicas tremendas de Cristo e seus ensinamentos, e que a nossa miséria genital atual é uma consequência direta disso, estando todos nós "acorrentados pela mistificação do seu amor físico" (REICH, 1999, p. 75)

Dá a impressão de propor com tudo isso uma verdade muito individual sua, utilizando sempre as lentes da verdade que ele próprio descobriu: da energia orgone, e do objetivo da sua abordagem de psicoterapia: a potência orgástica. Nesse ponto, pode-se observar como as suas descobertas foram permeando todo o seu sistema de representação do espiritual. Isso pode-se observar com ainda mais ênfase no seu livro "O éter, Deus e o diabo" (19--).

Neste livro, escrito em 1946 e 1947, Reich entende a espiritualidade em termos de energia e critica o misticismo: "O homem encouraçado que, apesar da sua rigidez biológica sente as emoções orgonóticas em seu corpo sem compreendê-las é um místico... Ele elabora uma ideologia mística, sobrenatural da natureza." (REICH, 1947, p. 17). Nesse livro ele propõe que nossa civilização é caracterizada por ser "mecânico mística", e que é regida por uma mistura confusa de máquinas e deuses. Tanto os mecanicistas quanto os místicos, para Reich, são incapazes de compreender os problemas fundamentais desta civilização, pois eles próprios reproduzem continuamente estas mesmas condições problemáticas.

É importante ressaltar quando se quer entender qual a perspectiva de Reich a respeito da espiritualidade humana, que seu posicionamento está intimamente relacionado com o funcionalismo orgonômico, o qual está situado fora do domínio da civilização mecânico mística, pois este:

...representa a técnica de pensamento do HOMEM ENQUANTO SER VIVO, liberado de sua couraça, e que mantém o contato com a natureza dentro e fora de si... Este método de pensamento e de trabalho se transforma no motor da evolução social pelo fato dele próprio considerar, criticar e modificar a civilização mecânico mística dentro das leis da matéria viva e não dentro da perspectiva do estado, da Igreja, da economia, da cultura, etc. (REICH, 1947, p. 17-18).

Aqui se pode entender que Reich trazia a ideologia do homem desencouraçado, em contato com a sua autorregulação, e não em contato com a cultura, com as instituições religiosas, etc. Ele afirma que desde o começo, a biofísica do orgone convenceu-se que "a matéria viva se limita a "funcionar", e que o "funcionamento vivo" é a própria essência da vida, não tendo nenhum "propósito" e nenhum "significado transcendente". (REICH, 1947, p. 18). Ele entende que a busca de um sentido ou de um objetivo que dê significado à vida surgiu da couraça dos seres humanos, sendo que o indivíduo desencouraçado não busca dar uma finalidade nem um sentido ou significado para sua existência, porque ele "funciona espontaneamente, segundo um esquema sensato e significativo, sem a menor "necessidade moral" (REICH, 1947, p. 18).

Nesse ponto não fica claro se Reich se refere a indivíduos desencouraçados como pessoas reais, que ele conheceu e observou que eram pessoas que não se interessavam em dar sentido ou significados à sua

existência ou se ele fala em um ideal, em uma hipótese de "indivíduos desencorajados", pois o que se entende de suas teorias é que todos nós somos em maior ou menor grau, encorajados. Ele fala que o indivíduo não encorajado não busca um sentido para sua vida, como se este fosse o ideal. Porém, observa-se em seu discurso uma forte tendência a "globalizar" as suas percepções, e generalizar demais, com afirmações tais como: "se a pessoa busca um sentido para sua vida é encorajado". Uma outra forma de entender essa questão é que a busca de um sentido à existência é uma característica da maioria das pessoas de todos os povos, desde que o mundo é mundo, e até onde se sabe, não há uma cultura que não tenha uma "proposta" para dar um significado ou sentido à vida.

Reich critica a Igreja, entendendo que foi ela quem proclamou a tese da culpa, do ser humano enquanto pecador, e observa que admitir que o homem, filho de Deus é um ser pecador implica em uma grande contradição. Ele admite nesse livro que foi um erro seu entender a religião como única responsável pelas nossas misérias, pois quando o fez, "ignorava que o erro religioso era apenas um sintoma e não a causa da biopatia humana." (REICH, 1947, p. 57). A forte oposição entre religião (a forma de libertação dos pecados) e sexualidade (o próprio pecado), de acordo com Reich, se deu quando os seres humanos passaram a ser reprimidos sexualmente. Reich entende que na religião natural havia uma identidade entre ambas: "ambas são uma emoção orgonótica do plasma". O homem religioso assim, em sua opinião, tem medo do sexo, enquanto o homem que rejeitou a religião busca pornografia, sendo ambos mantenedores desta dicotomia. Reich propõe que com o funcionalismo as barreiras desta dicotomia são derrubadas, ao passo que ele revela "os fatores comuns da emoção, origem e essência da sexualidade, assim como da religião" (REICH, 1947, p. 119).

Em alguns momentos do seu texto, Reich se expressa de uma forma onde fica explícita a sua crença em algum Deus, tal como quando diz que ele mesmo, Reich, está suscetível ao erro, e afirma: "Somente Deus é onisciente" (REICH, 1947, p. 52). Ele arrisca a hipótese de que o sistema intelectual "Deus" e o sistema intelectual "éter" tem tantas analogias que devem ter uma origem comum: ambos são universais, são a origem de toda existência, são perfeitos, eternos, não podem ser provados, etc. Ele diz que a realidade física "que se encontra subjacente nos conceitos de "Deus" e "éter" bem que poderia

ser a energia cósmica primordial, ou seja, a energia orgone" (REICH, 1947, p. 60), e propõe um equação funcional: Deus = vida = energia orgone cósmica = lei funcional orgonômica da natureza = lei da gravitação.

Sobre o mito de Adão e Eva, Reich entende um simbolismo sexual: "qualquer pessoa que comer da árvore do conhecimento conhecerá Deus e a vida, e este conhecimento será punido!". (REICH, 1947, p. 87). A sua interpretação é: "o conhecimento da lei do amor leva ao conhecimento da lei da vida que por sua vez leva ao conhecimento de Deus." E afirma: "Este argumento é verdadeiro em cada um de seus termos e foi confirmado no século XX pelo encadeamento de fatos que levaram à descoberta da energia cósmica. As punições que se seguiram comprovaram as ameaças bíblicas". (REICH, 1947, p. 87). Aqui ele está se referindo, é claro, à descoberta da energia orgone e à sua conseqüente perseguição.

Ele se mostra muito mais receptivo à concepção primitiva da vida emocional, a concepção animista, diferente das atuais concepções místicas e espiritualistas. Esta concepção animista, se utilizando de projeções, anima a natureza conforme as suas funções e sensações, sem mistificá-la. O misticismo, pelo contrário, transforma as sensações sensoriais e as sensações de órgão em entidades sobrenaturais e irreais. Para elucidar o que é sensação de órgão, REICH (1947, p. 123) afirma que:

Aquilo que sentimos subjetivamente e que chamamos de "sensações de órgão" são movimentos objetivos do protoplasma. [...] Sob o ângulo das funções de expansão de prazer e de contração de angústia do protoplasma, o homem e a ameba são funcionalmente idênticos.

É a sensação de órgão que possibilita que o homem se relacione com o mundo, conforme explica:

No fundo, a natureza — dentro e fora de nós —, só é intelectualmente acessível através de nossas impressões sensoriais. As impressões sensoriais são, basicamente, sensações de órgão, ou, colocando de outra maneira, nós tateamos o mundo que nos rodeia através de movimentos de órgãos. A couraça do corpo torna inacessíveis as sensações de órgãos fundamentais e com isso qualquer sensação verdadeira de bem estar (REICH, 1947, p. 139)

"Inferno", "céu", "anjos", "diabo", para Reich são projeções das sensações de órgão distorcidas, pervertidas e contrárias à natureza feita pelos místicos. Já os animistas projetam as suas sensações de órgão naturais e imediatas. Reich defende o animismo como uma concepção realista da

natureza, pois o Sol, a Lua e as sensações projetadas neles são realidades objetivas, mesmo que a idéia (sensação projetada) e o objeto (o Sol, por exemplo) não coincidam na realidade, ambos são realidades objetivas inalteradas. Já o misticismo não é considerado por Reich uma concepção verdadeira da natureza, pois neste caso o mundo externo e o interno se encontram defasados e alterados em relação à natureza. "Diabo" e "anjo" não correspondem a nenhuma realidade no plano formal ou funcional.

Reich posiciona esta análise como de uma importância decisiva, pois "nos permite esclarecer alguns problemas fundamentais no estudo da natureza" (REICH, 1947, p. 99). Ele entende que os mecanicistas são muito mais místicos que pensam, e ainda muito mais distantes da natureza que os povos primitivos com suas concepções animistas, e propõe que a ciência natural funcional deve "defender o animismo primitivo do misticismo perverso e extrair deste animismo todos os elementos experimentais correspondentes à percepção da natureza." (REICH, 1947, p. 100).

Ele entende que para o místico, o corpo e alma são domínios nitidamente separados, subordinados às relações recíprocas entre eles, e que ele não admite nenhuma conexão entre o físico e o psíquico. Ele relata experiências clínicas nas quais se constatou que no místico há uma barreira entre a sensação de órgão e o seu processo emocional objetivo, barreira esta que é a sua couraça muscular. Ele observa que este nunca sente a emoção de forma real no íntimo de si mesmo, mas a sente como num espelho. Os místicos não têm potência orgástica e quem tem potência orgástica não tem nenhum misticismo. Reich diz que o que homem encouraçado entende por "espírito" e "alma" é o "inacessível movimento da vida" (REICH, 1947, p. 128), e que "toda visão que atribui uma autonomia ao psíquico é mística, seja qual for o nome que se expresse" (REICH, 1947, p. 101-102).

Reich interpreta as forças sobrenaturais dos místicos e tudo se resume em apenas uma força: energia orgone, e afirma que o mundo do funcionalismo orgonótico é harmonioso, funcionando livre, segundo as suas leis. Este mundo "não está povoado de espíritos e fantasmas cuja existência não pode ser comprovada pelo misticismo. O mundo do funcionalismo é um mundo palpável, pleno, mas ao mesmo tempo perceptível e mensurável". (REICH, 1947, p. 102). Aqui se pode observar o quanto Reich se sentia aversivo às coisas que não podem ser comprovadas. Nesse livro, frequentemente tem-se a impressão de

que Reich entende que todos os problemas estão resolvidos a partir da sua teoria do funcionalismo orgonômico e do entendimento do que é a couraça humana e a energia orgone.

Reich afirma que toda e qualquer religião verdadeira corresponde à experiência cósmica "oceânica" do homem, contendo uma experiência da união com uma força onipresente, e ao mesmo tempo com uma separação dolorosa e temporária desta força. O conceito de "pecado" para Reich teve início quando se quis explicar o porquê do homem se encontrar separado de Deus. E assim nasceram os outros conceitos, tais como "diabo", "inferno", etc. Tanto Deus representando o bem, e o diabo representando o mau, para Reich devem sua existência a erros graves, originados na estrutura caracteriológica do homem e que o impedem de compreender sua verdadeira natureza e de se autorrealizar. "Os instintos maus (diabo) são controlados por uma moral boa (Deus)" (REICH, 1947, p. 139). Assim se dá a eterna luta entre Deus e o diabo.

Para Reich, é trágico que a vida não se encontre acessível ao homem, que ela seja transcendente. Ele crê que as idéias de "absoluto", "eternidade" e "pecado" também são produtos de personalidades dissociadas, ignorando que estas idéias existem na maior parte das culturas e civilizações há milênios. O "absoluto" para Reich reflete a rigidez; a idéia do "além", a inacessibilidade do núcleo biológico. Reich entende que a maioria das teorias filosóficas sobre o ser humano e sua miséria evade-se do essencial, pois todo impulso de amor se choca contra a barreira da sua couraça. Assim corpo e alma, Deus e diabo são cindidos e Deus fica inacessível, ficando o homem separado de sua própria natureza. "Qualquer coisa que faça está fadada ao fracasso enquanto não modificar sua própria estrutura biofísica" (REICH, 1947, p. 142). Ele acredita que a questão não é mais política, como antes acreditava, e sim a liberação do ser humano da couraça e a educação dos recém-nascidos. Ele entende que é possível o desenvolvimento autorregulado de crianças, e assim o crescimento natural.

Ele escolheu utilizar os termos "Deus" e "diabo" neste livro para convencer o leitor de certas verdades contidas nos ensinamentos religiosos, mesmo que venham sendo apresentadas de forma distorcida pelo ser humano. Ele entende que o homem acaba se sentindo mais atraído pelo "diabo" porque ele é uma realidade mais presente e envolvente, sendo "Deus" distante e inacessível por nossa couraça.

REICH, (1947, p. 153) conclui:

"Deus" é o símbolo das forças naturais da vida, da bioenergia no interior do homem, e o "diabo" como o símbolo da perversão e da distorção destas forças vivas são os últimos resultados da análise caracteriológica aplicada à natureza do homem.

Após recolher estes dados de seus livros e biografias, dá para se entender que a postura de Reich a respeito da espiritualidade foi mudando ao longo de sua vida, que foi evoluindo de acordo com sua própria evolução. Ele fala que seria fácil que os orgonomistas propusessem uma teoria cosmogônica, mas que não o faria. Porém, ao se ler estes dois livros ("O Assassinato de Cristo" (1999) e "O éter, Deus e o diabo" (19--)), entende-se que para ele a energia orgone é a sua forma de compreender o cosmos, o ser humano e a Deus, sendo ela a matéria-prima de toda a criação. Ao se fazer uma metáfora da sua forma de se colocar nestes dois livros, poder-se-ia propor que o funcionalismo orgonômico seria a sua religião, onde residem todas as respostas a todas as questões. A couraça seria o mau, o núcleo biológico o bem, e o desencouraçamento do ser humano seria a igreja que há de libertar o homem do mau e propiciar a ele o encontro com Deus-núcleo biológico. Reich foi a fundo nas suas convicções e pesquisas, e integrou completamente suas descobertas, construindo sua forma particular de entender o Universo, a si mesmo e a Deus.

2. LOWEN

O conceito de espiritualidade do corpo inclui um espírito arrebatado e uma forte consciência da ligação espiritual. (LOWEN, 1990, p. 39)

Em sua autobiografia Lowen pouco fala do tema espiritualidade em si, nem coloca de forma clara sua posição frente a este tema, assim, pouco se pode falar sobre a espiritualidade do Lowen "homem", a não ser através de seus livros. Porém, em algumas passagens da sua vida, descritas na sua autobiografia podemos apreender algo de sua posição pessoal. Ele nasceu em 1910 em Nova York, e tinha parentes judeus. Ele não menciona se isso fazia parte de sua rotina ou não, mas ao se ler seu livro entende-se que não ou que isso pouca relevância teve na sua história, dado ele em momento nenhum mencionar qualquer evento, momento, ou experiência com essa tradição.

Há um capítulo nessa autobiografia que ele dedica exclusivamente à sua ligação com John Pierrakos onde ele descreve como se conheceram, como a sua associação foi crescendo ao longo de uma amizade, e também como essa ligação foi se rompendo. Ele menciona que um dos desastres que ocorreu à Bioenergética foi quando Pierrakos se voltou ao misticismo. Ele afirma: "Misticismo leva à ilusão, e, de alguma forma, Pierrakos desenvolveu algumas ilusões." (LOWEN, 2004, p. 82). Ele menciona que Reich nunca se voltou ao misticismo, e sim ao naturalismo, pois na sua visão o misticismo se limita a interpretar os eventos em termos do seu sentimento. Esse seria o oposto da nossa atitude mecanicista, onde vemos tudo em termos de causa e efeito, ignorando completamente que o observador influencia as ações. Lowen entendia que estas visões são dois aspectos diferentes do mesmo processo, mas que de alguma forma o misticismo de Pierrakos acabou prejudicando a relação entre eles. Lowen menciona que ele e Leslie, sua esposa, sempre se sentiram repelidos por qualquer grupo onde eles percebessem que se tratava de algum tipo de culto.

Apesar de pouco material sobre sua experiência pessoal a respeito da espiritualidade, há dois livros onde Lowen expõe claramente sua posição como cientista sobre o tema: o livro intitulado "O Corpo em Depressão" (1983) e "A espiritualidade do corpo" (1990), sendo que na maior parte dos outros livros de sua autoria ele não aborda este tema. É quase inexistente bibliografia de outros autores comentando sobre espiritualidade na visão de Lowen, assim este capítulo será baseado quase que exclusivamente nas idéias expostas por ele próprio. No livro "O Corpo em Depressão" ele apresenta um trabalho sobre o tema da depressão e dedica três dos dez capítulos deste livro a discorrer sobre a fé. Temas como: fé, a importância da fé, poder versus fé, a psicologia da fé, o crescimento da fé, a perda da fé, a morte de Deus, fé na Vida, Animismo, a espiritualidade do corpo foram discutidos, associados à sua teoria que correlaciona a depressão com a falta de fé.

Mesmo antes de Lowen entrar no assunto da fé, observa-se no seu discurso a íntima relação que vê entre aquilo que é natural e aquilo que é de Deus: "A permissividade nega a verdade básica de que a criança nasceu com direitos naturais ou dados por Deus: o direito de ser amada pelo que se é e por ser quem é[...]"(LOWEN, 1983, p. 131)

Sobre o uso do termo "fé" Lowen (1983, p. 135) relata ter relutado em utilizá-lo por ter uma conotação religiosa, sendo que o teria evitado caso não tivesse surgido espontaneamente durante o seu estudo da natureza da depressão. Quanto mais ele refletia sobre o problema da depressão, mais se tornava convencido de que a questão da fé era muito importante para a sua compreensão, e afirma: "[...] a pessoa com fé não fica deprimida. Enquanto a fé da pessoa for forte e ativa, manterá o movimento da vida, que é o que o indivíduo deprimido não consegue fazer." (LOWEN, 1983 p. 136).

Lowen, (1983, p. 30) descreve a fé como um aspecto do sentir. Ele explica que não se sente a fé em si mesma, mas quanto mais se sente emoções e sentimentos, mais forte é a fé. Isso é muito importante para que se entenda esse conceito de fé na perspectiva de Lowen. A fé não está restrita ao âmbito religioso tal como usualmente se entende: fé em Deus, em algo além, na salvação, na intercessão divina. A fé a que Lowen se refere é, antes, fé na vida, na validade dos sentimentos, fé em si mesmo, e isso para ele é espiritual, independente de uma religião específica. Entretanto, Lowen faz reflexões sobre a fé, da sua atuação nos indivíduos, suas diferentes facetas, durante todo o livro "Corpo em Depressão" (1983), construindo uma visão própria da Bioenergética sobre o tema.

Ele sabe que a palavra "confiança" seria mais fácil de aceitar por parte dos psiquiatras para descrever a relação de uma pessoa com a outra, mas a palavra "fé" tem uma implicação religiosa que inexiste no conceito de confiança. Ele entende a postura de um psiquiatra clássico, que diria que essa implicação religiosa parece induzir um fator místico que não pode ser estudado, controlado, ou explicado dentro do âmbito de uma cientificidade. Entretanto, Lowen observa que se os cientistas se restringirem a compreender a condição humana apenas em termos de conceitos científicos e objetivos, muito se perderia, pois se deixaria de considerar grande parte da experiência humana. Ele afirma:

A religião se desenvolveu da necessidade do homem de compreender essas relações e não podemos deixar de considerá-las só porque tem uma conotação religiosa. Não precisamos ter medo das conotações religiosas, se não nos restringirmos à aceitação dos dogmas de uma religião específica. Tentar compreender a relação do homem consigo mesmo e com seu mundo exige que não se deixe de lado o conceito de fé. (LOWEN, 1983, p. 138).

Lowen observa que quando se dá a perda da fé de uma pessoa, esta perde também seu desejo e o impulso de se lançar na vida, de procurar suas extensões, de lutar. Fica o sentimento de que não há nada para se buscar, numa atitude de "para quê?". Para Lowen, o importante não é qual Deus as pessoas buscam, e sim a profundidade de sua fé, já que "o poder sustentador da fé não está no conteúdo, mas na natureza da fé em si mesma." (LOWEN, 1983, p. 137). Lowen diz que sem a fé de que o nosso esforço será recompensado, não se tem motivação para agir, entendendo que a necessidade não é incentivo suficiente, já que seus pacientes depressivos necessitam se mover, mas nem por isso se movem. "Para quê?" – sem fé não se tem esse "para quê", não se tem essa motivação maior.

Sobre a oração, Lowen entende que ela é benéfica mesmo quando a pessoa que reza sabe que não será atendida na sua solicitação à divindade. A pessoa que reza, o faz para expressar a sua fé, sente que essa expressão tem um efeito positivo e que através da oração sente-se melhor para continuar. Lowen entende que o poder da oração "[...] está na fé da pessoa que a pratica" (LOWEN, 1983, p. 138)

Assim como a oração é um ato de fé, Lowen entende que um ato de amor é um dos mais sinceros atos de fé que se pode realizar. Essa sua visão sobre o tema demonstra que para Lowen a espiritualidade permeia as relações sinceras que conseguimos estabelecer. Fé na humanidade, fé na natureza comum a toda forma de vida, fé nas relações. Ele quis utilizar o termo "fé" e não "confiança" justamente para colocar a conotação religiosa/espiritual no que está sendo dito, donde se pode concluir que as relações humanas são relacionamentos espirituais, antes de mais nada, pois se baseiam na fé de um indivíduo em si, nos seus pais, nos outros, na humanidade, na vida. "A pessoa que não pode amar não tem fé e a pessoa que não tem fé não pode amar" (LOWEN, 1983, p. 139).

Ampliando ainda mais o uso do termo "fé", Lowen afirma que a fé está presente em quase todas as nossas ações diárias, seja a fé de um agricultor de que produzirá uma colheita, seja a fé de que haverá alimento suficiente para se sobreviver. Lowen acredita que a ordem social não seria possível sem a fé, pois a mãe tem fé de que na manhã seguinte o leiteiro trará leite, o trabalhador tem fé de que produzirá o seu sustento. A fé no esforço cooperativo é essencial, já que sem ela, iremos para o caos.

Tanto para a sociedade como para o indivíduo a fé é a força que sustenta a vida e a faz movimentar-se para diante e para cima. Portanto, é a força que relaciona o homem com o futuro. Quando se tem fé, pode se ter uma certa confiança no futuro, mesmo que às vezes pareça que não há possibilidade de se realizar as aspirações, esperanças e sonhos. (LOWEN, 1983, p. 140)

Lowen traz a compreensão de que a fé tem dois aspectos: um consciente e outro inconsciente, sendo o aspecto consciente caracterizado como crenças e dogmas variados. O aspecto inconsciente é uma sensação de confiança ou fé na vida que está subjacente aos dogmas, dando à imagem seu significado e vitalidade. Assim, o dogma é a fachada e a fé a verdadeira fonte de força. Muitas vezes a espiritualidade de alguns não se desenvolve para além do dogma, da fachada. É aí que encontramos os charlatões, que pregam os valores, mas eles mesmos não agem de acordo, onde encontramos muito discurso e pouca prática. É nesse campo que podemos diferenciar uma fé com orientação interna, baseada em sentimentos, da externa, baseada em dogmas e nas relações sociais.

No seu livro intitulado "A espiritualidade do Corpo" (1990), Lowen articula a graça, a espiritualidade, a fé, a confiança, como sentimentos, posturas, e condições corporais também, pois para ele "o corpo não é um recipiente para o espírito, mas sim o espírito tornado carne" (LOWEN, 1990, p. 218). De acordo com ALENCAR (2008, p. 3), o propósito desse livro é encarar o corpo como uma manifestação externa do espírito, sendo essa a idéia central do livro.

Espiritualidade significa um estado de harmonia entre corpo, mente e emoções, que Lowen chama de "estado de graça" (LOWEN, 1990, p. 15-30). Lowen compartilha de um pensamento de Aldous Huxley, o qual descreve três tipos de graça: a humana, a graça animal e a graça espiritual. A graça humana pode ser chamada de amabilidade, que se reflete na forma com a qual podemos tratar nossos semelhantes. A graça animal pode ser exemplificada pelos movimentos graciosos dos animais, como o brincar dos esquilos e o voo dos pássaros, que nos enchem de admiração. A graça animal nos seres humanos é uma graça baseada no corpo. Já a graça espiritual tem a conotação de um senso de união com uma ordem superior.

A suposta superioridade da mente sobre o corpo, culturalmente transmitida pelos ocidentais, acarreta em tornar a espiritualidade um fenômeno intelectual, quando na verdade esta transpassa todos os níveis humanos. Já no

seu livro intitulado "Bioenergética", Lowen (1982) debate sobre este tema, concordando com Jung, de que esta dicotomia deve ser ultrapassada para que o ser humano possa se integrar completamente. Lowen (1982) atribui ao trabalho de Reich a reconciliação dessa dualidade. Segundo ele, isso se deu através do conceito dialético de Reich, que considera tanto a antítese quanto a unidade de todo fenômeno psicossomático. Essa reconciliação: "Não pode ser conseguida pela negação do corpo em nome do espírito, também significa que é perigoso negar o espírito em nome do corpo" (LOWEN, 1982, p. 213).

LOWEN (1990, p. 13) explica que quando o espírito impulsiona o corpo "este treme de excitação ou salta de entusiasmo, como uma torrente cascateando montanha abaixo; ou então flui tranquilamente, como um rio largo e profundo correndo numa planície". Lowen, assim, vem trazendo sua compreensão de uma espiritualidade baseada no corpo, explorando o papel do sentimento na graça humana. Sem os sentimentos os movimentos tornam-se mecânicos e as idéias se transformam em abstrações.

LOWEN, (1990 p. 13/14), propõe que:

[...] uma perspectiva energética nos permitirá compreender a verdadeira natureza da graça e da espiritualidade do corpo sem que tenhamos de apelar para o misticismo. Isto nos levará a explorar o papel do sentimento na graça humana."

Graça diz respeito a espírito e matéria, e é descrita na teologia, segundo LOWEN (1990, p. 14) como "[...] a influência divina que atua dentro do coração para regenerá-lo, santificá-lo e conservá-lo.", podendo ser descrita como o espírito divino que atua dentro do corpo, manifestando-se na sua graciosidade natural e na amabilidade das atitudes da pessoa para com todas as criaturas. Graça é um estado de saúde, de santidade, de inteireza, de conexão com a vida e de unidade com o divino.

Para Lowen há a premissa de que os seres humanos são seres espirituais, e seguindo esta linha de pensamento ele entende que é óbvio que a saúde física e mental deve estar relacionada com a espiritualidade. Ao descrever alguns casos que ele tratou, ele afirma que a cura emocional de seus pacientes também era uma cura espiritual, pois libertava o espírito deles das suas ligações patológicas com o sofrimento. Ele entende que uma força espiritual pode curar o corpo, coisa que a medicina ocidental por muito tempo recusou-se a reconhecer. Hoje em dia a ciência, com seus avanços e pesquisas tem aos poucos estudado e legitimado essas curas intimamente

em crenças, sendo seu pensamento mais mecanicista. Lowen insiste de que esta cisão entre corpo e mente, entre espírito e matéria deve ser reparada, pois representa a ruptura na unidade do homem, e esse reparo pode ser feito ao se restituir a psique ao corpo. Lowen propõe que "Uma concepção holística do organismo reconheceria que o corpo é imbuído de um espírito que é ativado por sua psique e ciente de suas ações" (LOWEN, 1990, p. 34)

A energia é o elo entre mente e corpo. Esse conceito foi formulado primeiramente pela psicanálise, mas foi comprovado por Reich com seus experimentos. Lowen utiliza o termo bioenergia para se referir à energia vital, e entende que foi a psicanálise que abriu caminho para a compreensão do espírito como um fenômeno energético. Ele entende que o próprio processo de estabelecer ligações com o mundo exterior é de natureza energética. Isso explica as conexões que levam uma mãe sentir à distância o que está passando com a sua criança, bem como a conexão entre duas pessoas profundamente apaixonadas, as intuições, etc. Na bioenergética, a elevação do nível energético das pessoas significa mais vitalidade, mais conexão com os outros e consigo mesmo, e para elevar o nível energético das pessoas Lowen desenvolveu diversas técnicas, principalmente de respiração.

A respiração para Lowen (1990, p. 49-52) é uma manifestação da espiritualidade do corpo, e também a base da bioenergética. Respirar superficialmente indica sentimentos reprimidos, menos energia, muitas vezes tensões musculares crônicas, etc. Respirar profundamente é sentir profundamente. Lowen entende que através da respiração profunda pode-se tocar e liberar sentimentos reprimidos, e assim ele criou exercícios para que a pessoa possa liberar sentimentos de tristeza, raiva, abandono, solidão, etc., através da respiração.

Lowen (1990, p. 105-106) menciona a possibilidade de alcançar um senso de união com o universo perdendo-se o sentido de eu, renunciando a este ou o transcendendo, coisa que pode ser feita com a prática de meditação profunda. Nesse momento de união com o cosmo, a excitação interna se torna tão intensa que as ondas que ela propaga subjugam o ego, irradiando-se através da fronteira do eu, criando um sentimento de êxtase. Também se pode experimentar estados de profunda paz quando nestas práticas o ego é superado. Aqui é importante ressaltar a diferença que existe entre ego e *self*. Para Lowen (1983, p. 68), o *self* é um fenômeno corporal, sendo que para ele

"Estarmos em contato com o nosso próprio *self* significa perceber e estar em contato com os nossos sentimentos." (LOWEN, 1983, p. 69). Já o ego é um conceito que se refere à identidade do indivíduo, sendo o mediador entre o mundo interno e externo.

Lowen entende que a espiritualidade do corpo é um sentimento de ligação com o universo (LOWEN, 1990, p. 83). O sentimento é constituído por dois elementos: atividade corporal e a percepção mental desta atividade. Assim, a força unificadora entre a mente e o corpo, ligando a mente consciente à atividade corporal é o sentimento. Primeiramente há o sentimento ancorado no corpo, e depois a percepção mental do sentimento. Lowen (1990, p. 84), diferencia emoção de sentimento, pois nem todo sentimento é uma emoção, mas toda emoção é um sentimento. Calor, frio, pressão, odores são sensações ou sentimentos, mas não emoções. Emoções são respostas sentidas no corpo como um todo, e não localizadas. Para Lowen (1990, p. 90), as emoções são a expressão direta do espírito de uma pessoa, e através da intensidade dos seus sentimentos pode-se avaliar a força do seu espírito; através da profundidade dos seus sentimentos pode-se avaliar a grandeza do seu espírito, e pode-se avaliar o bem-estar do seu espírito através da tranquilidade dos seus sentimentos. "Quando a pessoa se move com sentimento, a ação é graciosa porque resulta de um fluxo energético no corpo. Assim, o sentimento é a chave da graça e da espiritualidade do corpo." (LOWEN, 1990, p. 90).

A maior parte das pessoas acredita que sexualidade e espiritualidade não são compatíveis, que são coisas opostas, porém Lowen propõe que "A espiritualidade dissociada da espiritualidade transforma-se numa abstração, e a sexualidade, dissociada da espiritualidade passa a ser um ato puramente físico" (LOWEN, 1990, p. 103). Esta dissociação entre sexualidade e espiritualidade se dá pelo isolamento e falta de contato com o coração, com o amor, pois este é que é responsável pela conexão entre o espiritual e o sexual. Quando alguém se entrega completamente a uma ação, esta se torna espiritual, devido a uma transcendência do eu. O ato sexual é o ato que mais favorece que esta transcendência seja experimentada de forma intensa. É neste ato que os amantes podem transcender as fronteiras do "eu" para "[...] tornarem-se um com as forças do Universo." (LOWEN, 1990, p. 104). O amor é a chave tanto para a união entre dois amantes, quanto para a união entre um homem e seu Deus.

Lowen (1990, p. 103-113) compara diversas vezes o ato sexual com a experiência mística, explicando que se há amor e entrega, é possível experimentar o sexo como uma experiência mística, como uma comunhão com as forças superiores do universo. Infelizmente, para a maioria das pessoas o sexo não proporciona experiências tão transcendentemente justamente por elas se encontrarem encorajadas, ou seja, bloqueadas para tanto. Ele diz:

Quaisquer que sejam os meios usados para se estabelecer um sentimento de conexão com o infinito, um envolvimento do corpo será necessário para que tudo não passe de apenas uma idéia na cabeça de alguém. Todas as religiões reconhecem que o homem precisa renunciar ao seu ego para se unir a Deus. Não existe maneira melhor ou mais direta de efetuar esta renúncia do que um ato de amor sexual (LOWEN, 1990, p. 120).

A transcendência, entretanto, pode ser experimentada de diversas formas, como quando se é tocado por um evento marcante, em estados de transe, quando alguém se dedica apaixonadamente à criação artística, ou quando alguém se sente arrebatado por uma paixão. Nesses momentos a sensação é que se é possuído pelo espírito, não que simplesmente se tem um espírito. Lowen explica que para se poder vivenciar emoções fortes, experiências transcendentemente, sejam elas de natureza sexual ou não, o indivíduo deve estar devidamente ligado à terra, o que significa que só assim estas pessoas são capazes de suportar tamanha excitação sem correr o risco de serem sobrecarregados com tanta energia. Ele utiliza a metáfora da árvore para explicar esse ponto: devemos estar enraizados na terra para podermos alcançar o céu, sendo que a altura que alcançamos é proporcional à profundidade das nossas raízes.

A sensação de estar ligado à terra ocorre quando a onda de excitação que desce pelo nosso corpo quando inspiramos chega até o chão, muda de sentido e flui para cima na expiração. Estar ligado à terra significa manter contato com o corpo, com as sensações e sentimentos, ao contrário da pessoa que "vive com a cabeça na Lua", que é aquela cuja atenção se destina principalmente aos seus pensamentos e assim perde contato com o seu corpo, perde a noção muitas vezes do que está indo fazer, para onde está indo, etc. Não é difícil lembrar de pessoas às quais falta o que Lowen chama de "grounding" (aterramento, ou esta qualidade de contato com a realidade, com a terra).

Para promover a graciosidade do corpo, Lowen dá muita ênfase à necessidade de entrar em contato com a realidade, com o corpo, com as tensões, com as emoções. Ele comenta que a nossa cultura está se distanciando do corpo como fonte de sensibilidade e espiritualidade, dando um enfoque muito mais mecânico do que humano ao corpo, e conseqüentemente produzindo indivíduos desconectados, mecanizados, tensos e infelizes. Os verdadeiros valores da vida na verdade são coisas simples “[...]saúde, graciosidade, um senso de ligação com o universo, prazer e amor. Estes valores, porém, só tem sentido se a pessoa tiver os pés solidamente plantados no chão” (LOWEN, 1990, p. 143).

Ele entende que a compulsão da sociedade em conquistar sucesso e poder nada mais é do que um desejo subjacente de receber amor, só que de forma equivocada. É através dessa pressão que o homem exerce sobre ele mesmo, que perde o contato com Deus, com a vida e com a Natureza. “Conhecer a espiritualidade do corpo não depende do que se faz, mas sim de sentir uma força interior que é maior do que o nosso eu consciente” (LOWEN, 1990, p. 58)

Ao falar da correlação entre corpo e espírito, Lowen afirma que o espírito é inerente ao tecido vivo, e inclusive expõe a sua crença pessoal sobre o que ocorre no momento da morte:

Na morte o espírito é extinto e o corpo transforma-se em pura matéria. O espírito é como uma chama que transforma matéria em energia. O fogo em si não é substância ou energia, e sim o processo de transformação. Quando este processo cessa, a chama desaparece e a matéria deposita-se na forma de cinzas. (LOWEN, 1990, p. 154).

Com esta afirmação, Lowen demonstra acreditar que o espírito só existe enquanto a pessoa vive num corpo físico, excluindo as hipóteses de uma existência anterior ou posterior do espírito. A espiritualidade para Lowen parece ser tão baseada no corpo, que é dependente da materialidade, da existência em um corpo físico. Nesse ponto, Lowen parece misturar a sua crença pessoal com o seu estudo da espiritualidade do corpo, não embasando esse tipo de afirmação para que se pudesse compreender como ele sabe disso. É sabido que Lowen não dá tanta importância a comprovações científicas a respeito de diversos assuntos, incluindo a espiritualidade, pois esta não tem como se medir, tal como não se pode medir o amor ou os sentimentos. Ele tem uma

posição pessoal a respeito da ciência, onde procura não se manter preso a limites que na sua opinião são excessivamente rígidos e limitadores. O tipo de comprovação que a ciência requeria para validar cientificamente algum fenômeno na época de Lowen era quase matemática, e não levava tanto em consideração aspectos qualitativos, assim excluindo todo um universo de possibilidades. Entretanto, ele argumenta que todos nós já fomos fitados por olhos cheios de amor, ódio ou espiritualidade, e sabemos, sem sombra de dúvida que estas qualidades intangíveis existem. Ele traz inclusive noções que na ciência poderiam se mostrar como duvidosas, como a existência de uma aura que envolve o corpo humano (LOWEN, 1990, p. 178), e a possibilidade de alguns indivíduos mais sensíveis de vê-la. Sua maior preocupação é com o que é sentido, e não o que é comprovado. "Os olhos são a janela para o espírito" diz o adágio popular, e Lowen concorda, afirmando que eles são o caminho mais direto para a expressão da espiritualidade do corpo. Pode-se "ler" esta espiritualidade nos "[...]olhos bem abertos, serenos e carregados da excitação do amor[...]" (LOWEN, 1990, p. 179).

A paz de espírito depende da paz do corpo, o que se assemelha a um grande rio: cheio e profundo. Ele afirma que "Assim como as rochas presentes no leito de um rio atrapalham o fluxo, causando turbulência, a tensão muscular crônica interrompe o fluxo de sentimentos, produzindo conflitos e agitação emocional." (LOWEN, 1990, p. 189) Para conseguir atingir um estado de paz, há que se harmonizar o indivíduo consigo mesmo e com a natureza. A maioria das pessoas passa o tempo todo numa torrente incessante de pensamentos, o que as leva a estarem sempre pensando nos seus problemas e nas coisas a serem feitas e deixando-as com contato reduzido com as outras pessoas, com a capacidade de amar. "A maneira ocidental de se chegar à paz de espírito é um processo conhecido como análise ou terapia. A maneira oriental é através da meditação" (LOWEN, 1990, p. 192) Lowen entende que ambas podem ser combinadas.

A psicoterapia, ou o processo de autoconhecimento leva cada um a conhecer o que Lowen chama de "inferno particular", que é constituído pelos sentimentos dolorosos que são reprimidos desde cedo para se poder sobreviver (desespero, raiva, pânico, humilhação). As tensões musculares crônicas decorrentes dessas repressões são liberadas na medida em que os sentimentos são trazidos à consciência e expressados. Quando vamos levando

"a luz à escuridão", ou seja, a luz da consciência para a escuridão dos sentimentos reprimidos, o inferno é destruído, pois ele só pode existir na escuridão.

Da mesma forma, os orientais também sabem da importância de se sair "da cabeça" e descer até as profundezas do seu ser, o que executam através da prática de meditação. Lowen propõe utilizar as técnicas de meditação também, na medida em que esta consiste em levar a mente ao contato com o corpo, buscando ir minimizando os pensamentos. O objetivo da meditação é que gradualmente se possa atingir um grau onde há silêncio, que é o estado meditativo. Antes de se atingir esse grau, esse silêncio, o que se tem são técnicas para se chegar à meditação, pois a meditação em si significa esse silêncio, esse vazio pleno.

Ele entende que se não mantemos contato com a nossa alma, ainda poderemos funcionar de maneira lógica, "[...]mas nossos pensamentos terão pouco valor humano" (LOWEN, 1990, p. 199). Ele entende que mesmo em meio à confusão sempre há um canal aberto de comunicação com a alma. Este está sempre disponível e cabe a cada um cuidar para que ele se mantenha aberto. Este canal está no corpo, e não na mente, "[...]na forma do canal por onde passam as ondas de excitação que se deslocam para o interior da bacia" (LOWEN, 1990, p. 199). Sendo assim a consciência superior está ligada a uma consciência mais profunda.

O amor, segundo Lowen é um sentimento corporal, e a fé uma atitude corporal. A fé é do corpo na medida em que um indivíduo pode falar de sua fé, mas comportar-se de modo a desmentir sua afirmação. Se fé é, como Lowen (1990) diz, fé na vida, o indivíduo com uma fé verdadeira, uma fé ancorada no corpo, deverá ter uma atitude correspondente: um entendimento e aceitação da realidade e uma visão positiva desta. A pessoa com fé na vida deve ter uma atitude correspondente, de confiança, de abertura. Já o amor, este é o próprio alimento para o espírito, é "[...]uma profunda e sincera ligação com outra pessoa ou com outras pessoas, com um ser vivo de outra espécie, com a natureza ou com Deus." (LOWEN, 1990, p. 200). Interessante colocar seu entendimento de que amor sem expressão em ação ou comportamento, "[...] não é amor real mas uma imagem do amor." (1982, p. 214). Ele entende que se há amor a Deus, este será expresso no amor aos outros seres, a todas as criaturas vivas, senão não será verdadeiro.

Em diversos momentos do livro Lowen faz citações bíblicas, como por exemplo, a história de Adão e Eva, a perda do paraíso e a subsequente autoconsciência conquistada através do ato de comer da árvore do bem e do mal. Ele coloca afirmações do tipo "Nós também sabemos pela palavra de Deus que aquilo era correto, pois, segundo a Bíblia, depois de haver criado o mundo, Ele olhou para sua obra e viu que era boa" (LOWEN, 1990, p. 202). Nesse ponto fica difícil distinguir se com este tipo de afirmação Lowen demonstra entender a Bíblia, ou os livros considerados sagrados como a palavra divina, e os aceita como uma verdade, ou se está apenas fazendo uma correlação com a Bíblia da mesma coisa que ele está procurando expor nos seus termos.

Entretanto, ele não exclui as noções do desenvolvimento antropológico do homem, integrando-os. Ele entende que o relacionamento entre os homens e Deus foi sendo prejudicado na medida em que o homem pretendia controlar a natureza, baseando-se em suposições de que ele próprio é um ser superior a ela. Isso de certa forma destruiu o senso de ligação do homem com a natureza, e aos poucos foi negando a sua própria natureza espiritual. Assim, em vez da fé, os ocidentais foram depositando sua confiança na ciência, na expectativa ingênua de que ela superaria todos os problemas e daria ao homem o tão desejado sentimento de segurança.

No oriente as pessoas têm mais fé no poder de cura do corpo, e Lowen entende que as ditas curas milagrosas nada mais são que a atuação de fé dentro da pessoa. Lowen explica que quando alguém sente o amor de Deus, sua energia aumenta tanto que inunda o corpo todo e irradia-se para o exterior, numa jubilosa excitação. "E como essa excitação é a fonte da vida, ela às vezes pode superar os efeitos destrutivos da doença." (LOWEN, 1990, p. 204).

Ele argumenta que muitos poderiam contestar suas afirmações sobre a fé dizendo que a fé nem sempre tem esse efeito positivo. Ele responde que isso não é verdadeiro na medida em que entendemos a fé como uma resposta corporal à vida, pois quando uma pessoa se abre para a vida, o nível de energia do seu corpo sempre aumenta, e, portanto há sempre um efeito positivo. "Assim, a fé precisa ser definida como um estado em que o indivíduo se abre e permite que a excitação natural flua livremente através do seu corpo". (LOWEN, 1990, p. 204). Cabe ressaltar que essa é uma idéia central na bioenergética e no pensamento de Lowen. À medida que o indivíduo integra

cada vez melhor corpo e mente, pensamento e sentimento, e vai se libertando das couraças musculares, ele terá, naturalmente esse resultado da fé como uma resposta corporal à vida.

Ao refletir sobre a idéia ocidental de “[...] colocar sua vida nas mãos de Deus [...]” por um lado, e a idéia oriental de “[...] determinação do destino [...]”, Lowen (1990, p. 206) percebeu que as pessoas com tais atitudes podem até não ser mais felizes, mas certamente têm alguma paz de espírito, pois não precisam se debater com a vida. Ele inclusive acha que essa atitude pode até ser considerada como um antídoto para o narcisismo da cultura ocidental, pois exige a renúncia ao ego. O indivíduo narcisista está sempre insatisfeito, pois não confia nos seus sentimentos, não se aceita, procurando ser diferente de quem ele é.

Por fim, Lowen analisa a questão de valores, partindo do livrearbítrio humano, a questão da escolha. Bem e mal, certo e errado... Lowen encara esta questão a partir de diversos ângulos, entendendo que se o indivíduo está “[...] comprometido com a verdade, a decência, a dignidade e a brandura, ele estará em posição de alcançar um alto grau de graciosidade, saúde e espiritualidade” (LOWEN, 1990, p. 209). Ele afirma que o caminho das boas ações, da honra e da moralidade é a única via de encontrar a paz de espírito e uma vida verdadeiramente espiritual, valores que, segundo sua definição, constituem uma vida graciosa.

Uma pessoa graciosa é uma pessoa de princípios. Estes não são pautados pela sociedade, e sim pelo seu senso interno de certo e errado, o que pode coincidir ou não com os preceitos morais estabelecidos pela sociedade. Lowen afirma que “Os princípios atuam no sentido de controlar o impulso de obter a satisfação imediata dos nossos desejos, e, assim, contribuem para aumentar o prazer e a satisfação que sentimos em nossas vidas” (LOWEN, 1990, p. 212). Só quando o sentimento torna-se amor é que é possível uma descarga orgástica plena, sendo o mesmo verdadeiro para qualquer outra atividade, de acordo com Lowen. “Só haverá sentimento de completa satisfação e realização se o coração estiver envolvido” (LOWEN, 1990, p. 213).

Deus, sendo onipresente, está dentro de cada ser, e assim, quando se sente amor dentro do coração, se está em comunhão com Deus. A pessoa bondosa aceita o próximo porque o ama, não por preceitos morais, o que não significa que seja santa ou que nunca se irrite (LOWEN, 1990, p. 217). A alma

é o sistema energético que vivifica todos os organismos, sendo que os sentimentos positivos fazem a alma expandir-se e os negativos a fazem se encolher.

Pode-se entender que para Lowen a espiritualidade está em tudo que é bom, em todos os sentimentos de alegria, de amor, de amabilidade. Essa energia onipresente compõe a visão de um mundo imbuído de energia divina e que a tudo e todos permeia. Pode-se acessar estados de amor e união com o Universo através do equilíbrio da energia do corpo, do desencouraçamento, dos relacionamentos harmoniosos com todas as criaturas, com a natureza, com Deus, consigo mesmo e também através de uma vida vivida com valores e princípios morais/éticos. Lowen enfatiza bastante que “[...] a base da graciosidade e também da verdadeira espiritualidade é a harmonia entre ego e corpo” (LOWEN, 1990, p. 22), a nosso ver trazendo a espiritualidade para o nosso dia-a-dia, sem misticismos nem efeitos especiais. Uma espiritualidade prática, com base no corpo, nos sentimentos, na nossa própria energia e em valores que reconhecem nas coisas simples da vida a espiritualidade que a tudo permeia.

O corpo para ele não é um objeto material, e sim o próprio espírito tornado carne (LOWEN, 1990, p. 218), sendo ele sagrado, pois em seu âmago está o mistério do amor e o templo onde Deus está alojado, dentro do ser humano. A pulsação do coração do homem é a mesma pulsação do universo, e, embora seja sentida em todas as células, é sentida com mais intensidade nos batimentos cardíacos e vivida intensamente no sentimento de amor. O amor é um sentimento verdadeiramente espiritual. Como proporcionar que ele se torne mais freqüente na vida? Amando-se a si mesmo, pois “Amar a nós mesmos significa amar à vida e a todas as coisas vivas” (LOWEN, 1990, p. 219).

3. JUNG

Jung foi e continua sendo um dos teóricos que mais se debruçou sobre a problemática religiosa (1978; 1990; 1991; 1999; 2000), a qual ocupa um lugar central na sua obra. Grande parte dela inclui o fenômeno religioso, pois ele reconheceu, como conteúdos da alma humana, as representações primordiais coletivas que estão na base das diversas formas de religião. Embora muitas

vezes tenha sido chamado de filósofo, embora muitos tenham utilizado de suas teorias para validar suas crenças, Jung sempre se colocou como um empirista, um pesquisador, e sempre reafirmou que tudo o que escreveu foi baseado em fatos que observou. A visão de Jung acerca do fenômeno espiritual foi escolhida para esta monografia com a intenção de contrapor e ampliar a discussão acerca das articulações entre psicologia e espiritualidade. Infelizmente, é necessário dizer que tudo o que for dito a respeito de Jung e este tema será insuficiente, dada a imensa bibliografia existente sobre o assunto, não só escrita por ele, mas por centenas de discípulos e estudiosos da abordagem analítica. Assim, este capítulo é dedicado a expor de forma concisa um panorama geral de como Jung inclui na sua visão do ser humano o tema da espiritualidade, do fenômeno religioso.

Jung (1978) afirma entender a religião como uma atitude do espírito humano. Para ele:

Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de "numinoso", isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. (JUNG, 1978, p. 9).

Ao se analisar esta afirmação de Jung, entende-se que o "numinoso" faz parte de cada um, e age como uma força independente que é capaz de se apoderar do ser humano. Veremos que é a partir deste entendimento que a religiosidade vai se tornando central na obra de Jung.

De acordo com Bieites (2007), Jung faz uma distinção entre religiosidade, religião e crença. Religiosidade para Jung se refere a uma função natural e inerente ao psiquismo, sendo um instinto e assim sendo, um fenômeno genuíno. Religião para ele é uma atitude da mente, e credo é uma forma codificada de vivenciar a experiência religiosa original. Para Jung todas as fés são válidas, "visto que recolhem e conservam imagens simbólicas advindas do inconsciente, elaborando-as em seus dogmas e assim realizando conexões com as estruturas básicas da vida psíquica." (BIEITES, 2007, p. 62). *Religio* ou *religare* tem a função de unir o consciente a aspectos inconscientes significativos.

A intensa ênfase nas imagens e símbolos encontradas na psicologia analítica se deve ao fato de haver um entendimento de que a psique ocorre "imagisticamente", através da metáfora e do mito e de que a linguagem do inconsciente são os símbolos (JUNG, 1978).

Jung trouxe da alquimia um conceito denominado "individuação", que designa o processo de transformação da personalidade, onde a pessoa "[...] torna-se si mesma, inteira, indivisível e distinta, de outras pessoas e da psicologia coletiva (embora também em relação com estas)." (SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F., 1988). Toda a obra de Jung fala direta ou indiretamente deste processo, de acordo com Agostinho (2008). Este autor entende que:

Para se chegar a esse si-mesmo, à totalidade da pessoa, que é o mundo mais primitivo e inconsciente do homem, se faz necessário que os arquétipos sejam unidos e integrados à consciência, criando aquilo que Jung chamava de ampliação da consciência. (AGOSTINHO, 2008).

LIMA (2004) indica que "a individuação é o processo que representa a jornada do ego em busca do *self*", sendo *self* um arquétipo e também a palavra que se refere à plena realização do potencial do homem, a completude, Deus. *Self* designa a unidade da personalidade como um todo, incluindo tanto o consciente quanto o inconsciente. Entretanto, ao contrário do que se pensa, a individuação não pode ser compreendida como algo que se possa alcançar. JUNG (1991, p. 124) explica que "Podemos modestamente lutar para nos completarmos, para sermos seres humanos tão plenos quanto possível. O que já nos trará trabalho suficiente."

Às vezes Jung (2000) fala do *self* como origem da vida psíquica; outras vezes refere-se à sua realização como um objetivo. Ele enfatizava que era um conceito e não uma formulação teológica, porém Samuels, Shorter e Plaut (1988) entendem que não se pode considerar o conceito do *self* separadamente de sua semelhança com uma imagem de Deus. Assim, uma análise mais profunda de sua proposta indica que o caminho de individuação que ele propõe não deixa de ser um caminho mítico para o homem encontrar a sua divindade interior, o *self*.

Jung (1978) relata que todos os pacientes que o consultaram em mais de trinta anos de clínica tinham como questão o problema de encontrar uma

perspectiva religiosa na vida, e Johnson (1989) explica esta afirmação da seguinte forma:

Jung observou que a maioria das neuroses, o sentimento de fragmentação, o vazio, a falta de significado da vida moderna, resultam do isolamento do ego em relação ao inconsciente. Como seres conscientes, percebemos vagamente que perdemos parte de nós mesmos e sentimos falta de algo que um dia nos pertenceu. (JOHNSON, R. A., 1989, p. 18).

Dentro da perspectiva junguiana, o isolamento do ego em relação ao inconsciente é o mesmo que o isolamento de cada um em relação à sua própria alma, à vida do espírito, à vida religiosa, "[...]pois é no inconsciente que encontramos nossa concepção individual de Deus e de nossas entidades divinas." (JOHNSON, 1989, p. 19). Para Johnson (1989) a função religiosa é uma procura inata de significado e experiência interior, e, como a excluímos de nossas vidas quase que por completo (não participando mais de rituais, de religiões, não levando em conta nossos sonhos, etc.), só resta a essa função abrir caminho de volta à nossa vida através da neurose, dos conflitos interiores e dos sintomas psicológicos que exigem a nossa atenção. É como se "[...] se não vamos ao espírito, o espírito vem a nós em forma de neurose." (JOHNSON, 1989). Na opinião deste autor, esta é a conexão imediata entre a psicologia e religião atualmente.

A religião é a forma do homem entrar em contato com a sua divindade interior, se relacionar com as imagens arquetípicas que brotam naturalmente de sua alma, e que dizem respeito a ele mesmo, dentro do seu processo de individuação. Aqui é necessário esclarecer que na perspectiva junguiana, além do inconsciente pessoal de cada um, contendo eventos pessoais reprimidos ou esquecidos, existe o conceito de inconsciente coletivo. Lima (2004) conceitua que o inconsciente coletivo "[...] representa a dimensão universal do indivíduo. É constituído por conteúdos herdados e que nos ligam simbolicamente a toda a humanidade. Esses conteúdos são imagens primordiais chamadas de arquétipos."

Johnson (1989, p. 37) conceitua os arquétipos psicológicos como "[...]os padrões característicos que preexistem na psique coletiva da raça humana, repetem-se eternamente nas psiques individuais do ser humano e determinam as maneiras básicas de percebermos e atuarmos como seres psicológicos." Os arquétipos são princípios, formas sem conteúdo, inconscientes, que serão

preenchidos pelas experiências de vida de cada um, como exemplifica LIMA (2004): “[...] uma mulher grávida ‘preencheria’ com suas experiências maternas o arquétipo maior de Mãe.” São imagens primordiais, modelos iniciais, os quais Jung identificou em mitos, na arte e religião e que irrompem do inconsciente em qualquer tempo e lugar, sem necessidade de transmissão cultural, pois fazem parte da psique coletiva.

Jung (2000, p. 49), relaciona o componente de numinoso ao arquétipo: “Uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos como todos os conteúdos numinosos, não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais, mas requerem um processo dialético, isto é, um confronto propriamente dito [...]”

Assim, o caminho da individuação deve ser trilhado através do contato da consciência com o inconsciente, e da integração dos arquétipos, levando a pessoa a se conhecer e “tornar-se si – mesma”, cada vez mais. A religião, os ritos, os sonhos, a imaginação ativa são formas de favorecer esse contato e integração entre o consciente e o inconsciente. Mesmo sem nunca ter falado expressamente de Deus com o propósito de demonstrá-lo, Jung (1978) admite na estrutura profunda da mente humana uma potencialidade inata que impulsiona o ser humano a procurar a Deus e com ele se relacionar através da religião.

Nessa linha de pensamento, JUNG (1999, p. 60) diz:

Uma vez que as únicas forças de salvação visíveis em nosso mundo são aqueles grandes sistemas psicoterapêuticos que chamamos de religiões (dos quais se espera a “salvação da alma”), é natural que muitos se filiem a uma das confissões existentes, numa tentativa justificada, aliás, e não raro bem sucedida, depois de adquirirem uma nova compreensão do sentido profundo das verdades tradicionais e salvação.

Daí a importância dos rituais e das religiões, que possibilitam ao homem moderno um contato mais profundo com o seu próprio inconsciente, possibilitando conexões e elaborações.

Esta solução é normal e satisfatória, na medida que as verdades dogmáticas fundamentais formuladas pela Igreja Cristã exprimem de modo quase perfeito a natureza da experiência interior. O conhecimento dos mistérios da alma que essas verdades contêm é dos mais profundos e é representado por grandes imagens simbólicas. O inconsciente tem, portanto, uma afinidade natural com o conteúdo espiritual da Igreja [...]

A religião pode ser, portanto, uma opção, uma possibilidade de dar forma ao caos do inconsciente. Isso frequentemente acontece através de uma relação interior com ela, e não exterior, como por exemplo, o ato de ir até a Igreja. Quando se pergunta a uma pessoa sobre sua fé, muitas vezes escutamos que "tenho minha fé, mas não vou à Igreja", ou "acredito em Deus, mas não tenho uma religião definida", ou ainda podemos observar hoje em dia uma certa tendência universalista, onde vemos livros budistas mencionando Jesus Cristo, ou centros de Umbanda com nomes Orientais. A espiritualidade, na perspectiva junguiana é então encarada como uma das várias formas de conhecer e se relacionar com o seu próprio universo interior, de integrar aspectos inconscientes, de trilhar sua caminhada de individuação, rumo a se tornar um ser humano mais completo, mais em contato com sua própria natureza essencial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em se tratando de um objeto de estudo tão complexo, tão polêmico e muitas vezes controverso, tal qual a espiritualidade e a relação do homem com o transcendente, com o "numinoso", como denominou Jung, era de se esperar que cada autor tivesse a sua leitura própria do assunto, que tivesse elaborado idéias a respeito de aspectos diferentes do fenômeno religioso, utilizando terminologias e conceitos diferentes para descrevê-lo.

Entretanto, é interessante observar que há pontos onde parece haver uma concordância a respeito do tema. Um dos pontos de convergência entre todos os autores é que a espiritualidade é um atributo legítimo da existência humana, constituindo assim uma função natural e inerente ao psiquismo, como afirmava Jung, constituindo o próprio núcleo biológico do homem, como afirmava Reich ou constituindo a graça humana, que segundo Lowen (1990, p. 14) é "[...] a influência divina que atua dentro do coração [...]".

Reich faz menção à existência desse campo, e o entendeu com base em suas pesquisas em bioenergia: "Deus' é o símbolo das forças naturais da vida, da bioenergia no interior do homem [...]" (1947, p. 153). Reich entende que Deus, enquanto nosso núcleo biológico, torna-se inacessível, e o que experimentamos na vida cotidiana é o diabo – a couraça. Sua visão do ser humano nesse ponto é de que o homem está separado da sua própria natureza, sendo a religião uma forma de alienar o indivíduo de si próprio, ao criar conceitos como "o pecado". Importante mencionar que Reich também vê a espiritualidade como algo que faz parte da natureza do ser humano, ao passo que entende a religião católica como uma instituição alienante, embora no fim de sua vida ele tenha falado entender todas as religiões monoteístas. Já Lowen, ao afirmar que sua premissa é a de que o ser humano é um ser espiritual, coloca a espiritualidade incluída em cada aspecto da nossa vida, seja no ato de respirar, de fazer amor, de amar a Deus, de amar aos homens. Essa experiência para Lowen é muito rica, pois é fonte da vida e transforma o ser humano em um homem de princípio e de valores. Jung, ao entender que o ser humano percorre o seu processo de individuação em busca do *self*, da plena realização do seu potencial, entende ser essa busca a mesma que a busca de Deus. Essa busca faz parte do percurso de todo homem, mesmo que não seja qualificado pela pessoa como uma busca espiritual, pois é, afinal de

contas, o processo de transformação de qualquer um. Ele mesmo não o conceitua como algo "espiritual", pois está tão integrado na constituição psíquica de cada um que é a própria natureza essencial do ser humano. Assim, tanto Jung quanto Lowen tem uma representação da espiritualidade como um dado natural, que vivenciamos a cada dia, no nosso cotidiano, diferente de Reich, que entende que estamos separados dessa dimensão por causa da couraça. Embora o seu entendimento seja esse, ao se consultar a sua obra, verifica-se que ele próprio acredita na mudança da humanidade, na superação desta separação entre nós e nosso núcleo biológico – Deus – Vida. Há um caráter de esperança no ser humano presente em suas obras.

Interessante notar que mesmo dentro da construção de um saber científico, às vezes nos deparamos com crenças, como no caso de Lowen, quando ele expõe no seu livro a sua crença pessoal do que acontece com o espírito quando o corpo físico morre. "Na morte o espírito é extinto e o corpo transforma-se em pura matéria." (LOWEN, 1990, p. 154). Outro caso onde isso aconteceu é narrado por Goleman (2003) ao comentar sobre os debates que os cientistas tem feito com o Dalai-Lama. Nestes debates eles relatam os resultados de suas pesquisas científicas e escutam a devolutiva do Dalai-Lama, dentro da perspectiva budista. Isso porque o Dalai-Lama havia dito que se a ciência provasse que algumas crenças do budismo estivessem erradas, então o budismo teria que mudar. Num destes debates o cientista fala sobre sua teoria de como o pensamento é criado, a partir do cérebro. Nesse momento o Dalai-Lama pergunta-lhe se existe a possibilidade do cérebro ser formado a partir do pensamento, e o pesquisador responde: "Nós partimos da premissa que o pensamento vem do cérebro" – eis as crenças existentes dentro da própria ciência. Isso nos traz a noção, que mesmo dentro da ciência deve-se partir de determinadas premissas, que muitas vezes podem se mostrar pontos de partida errados, que levam a desenvolvimentos errados e a resultados errados. Uma dessas premissas era de que a Terra era o centro do Universo... depois era o Sol... hoje não temos a mínima pretensão de dizer onde é o centro do Universo, dado termos a humildade de saber que talvez nunca possamos chegar a uma conclusão sobre isso. Assim, cada cientista deve preservar a qualidade de permanecer aberto à dúvida e à crítica, uma vez que tudo que é científico, na visão atual, se deixa questionar. Os verdadeiros

cientistas sabem que a realidade, o funcionamento do Universo, o ser humano são e sempre continuarão sendo um mistério.

Um possível caminho para a continuidade desta pesquisa é investigar essas leituras a partir da teoria das representações sociais, inicialmente criada por Moscovici, dentro do enfoque da Psicologia Social. Representações sociais são conjuntos de idéias, explicações e crenças criadas com base em modelos sociais e culturais que são formas de compreensão e interpretação do real (ARRUDA, 2002, p. 127-130). Esta teoria tem a princípio por objetivo fazer uma leitura de como a sociedade ou dado grupo social representa determinado tema, assunto ou objeto. Neste contexto das diversas representações de diferentes autores sobre um mesmo tema (espiritualidade, relação do homem com o transcendente) dentro do âmbito da ciência, a pesquisa poderia buscar aprofundar o entendimento das diversas representações dentro destes microcosmos (diversas abordagens). As representações caracterizam e são características de um tempo, uma época, e por isso geralmente mudam muito lentamente. É preciso ressaltar que as representações deste tema do sagrado, religioso, transcendente, vêm mudando bastante dentro do campo científico, principalmente por causa das inúmeras pesquisas e descobertas que tem sido feitas nos últimos 20 anos acerca dos efeitos da fé, da religiosidade, meditação, yoga, devoção, no corpo, mente e comportamento dos indivíduos, e assim é sempre pertinente situar estas representações dentro do âmbito da ciência.

Esse tema muitas vezes aparece na prática clínica dos profissionais de saúde, em especial dos psicólogos, que se deparam com estes temas no seu dia-a-dia. Para estes, esse tipo de pesquisa é importante, pois a partir dela cria-se e transforma-se informação, e essa informação possibilita uma transformação de conceitos e de valores, que, conseqüentemente, irão influenciar os nossos relacionamentos, os nossos atendimentos, e irão influenciar na forma como o ser humano se percebe no mundo e com o outro. Qualquer psicólogo sabe que ele próprio deve buscar conhecer a si próprio, fazer o percurso psicoterapêutico, encontrar respostas e resoluções nos seus próprios relacionamentos, responder às questões existenciais antes, para si próprio, pois é só até onde já foi que poderá levar os seus clientes.

Assim, cada autor que estudamos nos abre um universo inteiro de aprendizados e reflexões e é a partir de diferentes visões de mundo que o

psicólogo deve se alimentar, para se capacitar a lidar com o que há de mais complexo e único no universo: a psicologia do ser humano.

Muito anterior a qualquer representação ou leitura deste fenômeno, criada por qualquer filósofo, sociólogo ou psicólogo, a experiência de explicar a existência, a experiência ou o sentimento do transcendente faz parte da história da humanidade desde os seus primórdios, como forma de explicar o universo e a si própria. Assim como estes autores tem suas leituras, há inúmeras outras passíveis de serem feitas. Cada cultura, cada povo, cada nação tem sua representação destes fenômenos. E dentro de cada nação, ainda há outras milhares de leituras e formas de entender o que é o transcendente e como o homem com ele se relaciona. Ainda dentro da cada religião, cada ser humano que compõe este grupo social pode ter uma interpretação diferente do resto do seu grupo, e ele pode ter entendimentos diferentes dele próprio, em diferentes momentos da sua vida.

Isso fala da própria experiência de ser humano, de ser um ser sempre em constituição, em transformação, e assim seus saberes estão sempre em movimento.

Essa reflexão tem por finalidade trazer a noção de que toda teoria é apenas uma interpretação do real – uma verdade. Existem, entretanto, várias teorias, várias verdades. Reich, Lowen, Jung... Aristóteles, Nietzsche, Platão... Capra, Goswami, Groff... Cristãos, Budistas, Muçulmanos... Em se tratando do relacionamento do homem com esse transcendente que carrega dentro de si, isso se torna ainda mais válido. No mundo deve haver seis bilhões de verdades.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, M. R. **Contribuição inicial ao estudo do tema da individuação no pensamento de Jung**. Revista Científica Eletrônica de Psicologia. São Paulo, Ano VI, Número 11, Novembro de 2008. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/psicologia/pages/artigos/edic11anoVInov2008-artigo04.pdf>> Acesso em: 21/01/2009.
- ALENCAR, C. G. V. Conversando sobre a espiritualidade do corpo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br> Acesso em: 01/12/2008.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 117, p. 127-147, Novembro/2002.
- BIEITES, A.; OVADIA, D. O poder da oração. **Revista Mente e cérebro**. São Paulo, n. 168, p. 58-65, Janeiro/2007.
- CAPRA, F. **A Teia da Vida**. Editora Cultrix, São Paulo, 1997.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Editora Cultrix, São Paulo, 1986.
- CAPRA, F. **O Tao da Física**. Editora Cultrix, São Paulo, 1985.
- FREUD, S. **Mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- GOLEMAN, D.; LAMA, D. **Como Lidar com Emoções Destrutivas**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GROF, S. **Além do Cérebro**. São Paulo: McGraw Hill, 1988.
- GROFF, S. **Psicologia do futuro – lições das pesquisas modernas da consciência**. Niterói: Heresis, 2000.
- JOHNSON, R. A. **A chave do reino interior – sonhos, fantasia e imaginação ativa**. São Paulo: Mercuryo, 1989.
- JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- JUNG, C. G. **Fundamentos de psicologia analítica**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KHALSA, D.S. **Longevidade do cérebro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LIMA, R.F. **Principium Individuationis**. 2004. Disponível em: <<http://www.symbolon.com.br/artigos/principium.htm>> Acesso em: 20/01/09.

LOWEN A. **A espiritualidade do corpo** – bioenergética para beleza e harmonia. São Paulo: Cultrix, 1990.

LOWEN, A. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. **Honoring the body** – the autobiography of Alexander Lowen, M.D. Alachua: Bioenergetics Press, 2004.

LOWEN, A.. **O Corpo em Depressão** – as bases biológicas da fé e da realidade. São Paulo: Summus, 1983.

LOWEN, A. **Narcisismo** – negação do verdadeiro *self*. São Paulo: Cultrix, 1983.

MANN, W.E. **Orgônio, Reich & Eros** – a teoria da energia vital de Wilhelm Reich. São Paulo: Summus, 1989.

PARK, C., COHEN, L., & HERB, L. **Intrinsic religiousness and religious coping as life stress moderators for Catholics versus Protestants**. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 562-574,1990. Disponível em: <<http://w3.psych.udel.edu/people/faculty/cohen.asp#represpubs>> Acesso em: 09/12/2008.

REICH, I. O. **Wilhelm Reich** – uma biografia personal. Barcelona: Granica Editor, 1978.

REICH, W. **O assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REICH, W. **O éter, Deus e o diabo**. [s.l.: s.n., 19--].

REICH, W. **Paixão de juventude** – uma autobiografia. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SAMUELS, A; SHORTER, B.; PLAUT, F. **Dicionário crítico de análise junguiana**. (1988) Disponível em: <www.rubedo.psc.br/dicjung/listaver.htm> Acesso em: 10/01/09.